

# **Avaliação dos Materiais Didáticos para Promoção da Saúde Escolar, no Município de Volta Redonda: micção e seus transtornos**

## **Evaluation of Instructional Materials for School Health Promotion, in the city of Volta Redonda: urination and its disorders**

**Claudia Maria**

Centro Universitário de Volta Redonda – UniFOA/MECSMA  
claudia.maria@uol.com.br

**Carlos Alberto Sanches Pereira**

Centro Universitário de Volta Redonda – UniFOA/MECSMA  
sanches.68@uol.com.br

### **Resumo**

Por fazer parte do desenvolvimento normal da criança e apresentar transtornos em cerca de 15% dos escolares, o processo normal de micção deve ser conhecido por todos que trabalham com esta faixa etária. O Programa Saúde na Escola vem apresentando diversas iniciativas de promoção da saúde, por meio de ações voltadas para a prevenção dos agravos mais prevalentes na infância e adolescência e para a identificação precoce de alterações, tanto físicas quanto psíquicas. Pela importância e abrangência deste programa, analisamos como é tratado em suas publicações oficiais o tema micção e seus transtornos. Foi pesquisada no corpo de cada documento a presença de palavras relacionadas ao assunto e o contexto em que se inseriam. Em nenhum destes materiais há um tópico voltado para bons hábitos de eliminação e as referências encontradas são relacionadas a medidas de higiene e alimentação. É necessária a introdução deste tema nos materiais pedagógicos.

**Palavras chave:** micção, higiene, transtorno de eliminação

### **Abstract**

To be part of normal child development and show disorders in about 15% of the students, the process of urination should be known by all who work with this age group. The Program Health in the School has presented several initiatives to promote the health through actions aimed at the prevention of the diseases most prevalent in childhood and adolescence and the early identification of changes, both physical and psychic. Due to the importance and scope of this program, we analyze how it is treated in its official publications the theme urination and its disorders. Was investigated in the body of each document the presence of words related to the subject and context in which it operated. In none of these materials is a topic facing good elimination habits and the references found are related to measures of hygiene and nutrition. It is necessary introducing this topic in teaching materials.

**Key words:** urination, hygiene, disorder of elimination

## INTRODUÇÃO

O tema saúde escolar ganhou força em nosso país a partir da década de oitenta, com a criação da Iniciativa Regional Escolas Promotoras de Saúde (IERPS). Esta estratégia visava promover a saúde como um processo capaz de tornar os indivíduos responsáveis por seu bem estar e aptos a intervir nos fatores de risco (FIGUEIREDO; MACHADO; ABREU, 2010).

A partir de 1995 a IERPS passa a ser apoiada pela Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) e em 05 de Dezembro de 2007 tais diretrizes passam a ser adotadas em todo o Brasil, com o Decreto nº 6286, que cria o Programa Saúde na Escola (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2007).

Uma das formas de divulgação dos programas de promoção da saúde no ambiente escolar são materiais impressos, como manuais e cartilhas. Por este motivo é importante que o conteúdo destes documentos seja abrangente, esclarecendo profissionais de educação e saúde sobre o desenvolvimento normal e seus transtornos, durante a infância e adolescência.

Um dos aspectos importantes do desenvolvimento e que se dá, muitas vezes, no âmbito escolar, é a micção. Ao longo dos primeiros anos de vida, a criança desenvolve sua capacidade de controlar a eliminação de urina e fezes, começando a partir dos dois anos e completando, geralmente, por volta de cinco anos (FRANCO, 2012).

É importante, para que este processo ocorra de forma adequada, que bons hábitos vesicais e intestinais sejam ensinados e incentivados. Isto se dará com o estímulo a alimentação saudável e rica em fibras, para a prevenção da constipação; o uso livre do banheiro, evitando postergar a micção e a defecação e a disponibilidade de banheiros limpos e seguros, que incentivem seu uso durante a aula (KIRSTNER, 2009; CONTINENCE FOUNDATION OF AUSTRALIA, 2012; ICCS, 2013).

Os transtornos miccionais estão presentes em cerca de 5 a 15% das crianças em idade escolar (NEVÉUS; SILLÉN 2013). Entre eles estão os Distúrbios de Eliminação, que podem se apresentar como urgência e incontinência urinárias, constipação, incontinência fecal, enurese noturna e infecção do trato urinário (BOISCLAIR-FAHEY, 2009).

Estes distúrbios são importantes para a escola porque determinadas normas em sala, como a limitação de uso do banheiro e as más condições de higiene e segurança destes podem favorecer o aparecimento destes sintomas.

É prática bastante comum limitar o acesso dos alunos ao banheiro. Observa-se que entre os alunos mais jovens o acesso é mais liberal, mas a partir dos 5 anos estas saídas passam a ser mais controladas. Em estudo realizado com professores de Iowa, 31% informaram que pedem ao aluno para esperar, quando estes solicitam permissão para ir ao banheiro, sendo esta restrição maior a medida que os alunos crescem (COOPER et al., 2003). Na Suécia, apenas 44% das crianças não necessitavam aguardar para ir ao banheiro (LUNDBLAD, 2005).

O hábito de adiar a micção ou defecação pode desenvolver padrões de eliminação inadequados, através da contração voluntária do assoalho pélvico, permitindo o esvaziamento inadequado da bexiga, o que favorece a presença de infecção urinária, incontinência e enurese noturna, além da constipação, que também pode contribuir para o surgimento de transtornos miccionais (COOPER et al., 2002).

Por estes motivos, é importante que os educadores sejam capazes de transmitir noções de hábitos vesicais e intestinais saudáveis, além de incentivar esta prática em seu cotidiano. No estudo de Iowa, apenas 18% dos professores relataram ter recebido algum tipo de informação sobre o processo normal de eliminação e só 16% encaravam como um problema de saúde o fato do aluno molhar suas roupas de urina (COOPER et al., 2003). Estes achados se repetem no Brasil, em pesquisa realizada em Salvador, onde 44% dos professores entrevistados consideravam que seus alunos molhavam as roupas durante a aula por preguiça de ir ao banheiro (LORDELO et al., 2007).

Por outro lado, a oferta de informação aos educadores mostrou-se eficaz. Quando solicitados a contribuir no tratamento de crianças com distúrbio de eliminação e adequadamente instruídas sobre o problema, 100% aderiram ao tratamento, com excelentes resultados para o paciente, 92% apresentaram melhora da continência (BOISCLAIR-FAHEY, 2009).

Dada a importância de bons hábitos na prevenção de grande parte dos transtornos miccionais, das possíveis sequelas deste quadro na vida adulta (BOWER; YIP; YEUNG, 2005) e no grande impacto que estes distúrbios causam na auto-estima das crianças, podendo comprometer, inclusive, seu aprendizado (HAGGLOF et al., 1998), é importante que tal assunto seja abordado quando falamos em Saúde na Escola.

O trabalho teve como objetivo avaliar nos materiais didáticos utilizados para a promoção de saúde na escola, existentes no município de Volta Redonda, a presença de termos relacionados ao processo normal de micção e seus transtornos.

## **CAMINHO METODOLÓGICO**

Para este estudo, foram pesquisados os sites oficiais do Ministério da Saúde, Ministério da Educação, Secretarias Estaduais de Saúde e Educação do Rio de Janeiro e Secretarias Municipais de Saúde e Educação de Volta Redonda. Além do material produzido pelos órgãos oficiais de Saúde e Educação, foram pesquisados também os manuais produzidos pela Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) e Sociedade de Pediatria do Estado do Rio de Janeiro (SOPERJ), por serem fontes de consulta para a classe médica.

Em cada um dos sites pesquisados foi feita uma busca na área de ações e programas e nos campos de busca, utilizando os seguintes termos, em todos eles: “saúde escolar”, “saúde na escola”, “saúde escolar material pedagógico”, “saúde escolar manual”, “saúde escolar cartilha”, “saúde na escola material pedagógico”, “saúde na escola manual” e “saúde na escola cartilha”.

Em leitura minuciosa dos materiais selecionados foram marcadas as palavras escolhidas como descritores, com base em artigos de revisão sobre o tema. Estas palavras foram: urina, fezes, banheiro, incontinência, constipação, cateterismo, micção, defecação, evacuação, enurese, fibras, frutas e verduras, vaso sanitário.

Após identificação dos termos acima, foi analisada a frequência com que eles foram mencionados e em que contexto. Para avaliação do contexto, descrevemos em qual parte do documento as palavras estavam inseridas e sobre qual assunto ela tratava.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Foram encontrados 12 documentos, com orientações para estudantes, professores e profissionais de saúde, referentes à atenção no ambiente escolar.

Quatro documentos eram produzidos apenas pelo Ministério da Saúde (MS), sete pelo Ministério da Saúde em conjunto com o Ministério da Educação (MS - ME), um foi escrito pelo Comitê Científico de Saúde Escolar da Sociedade de Pediatria do Estado do Rio de Janeiro (SOPERJ) e um pelo Departamento de Saúde Escolar da Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP).

Os sites das Secretarias de Educação e Saúde, estaduais e municipais, citam o Programa Saúde na Escola, mas não apresentam material próprio para divulgação.

Dos documentos analisados (1, 2, 3, 4, 5 e 6), não fazia qualquer referência aos termos pesquisados e o restante (7, 8, 9, 10, 11 e 12) faziam breve citação (Tabela 1).

Documentos	Órgão	Ano	Alvo	Páginas
1. Almanaque cultural da saúde	MS	2010	Estudantes	28
2. Escola também é lugar de aprender ...	MS/ME	?	Estudantes	1
3. Saúde na escola	MS/ME	2012	Estudantes	1
4. Saúde na escola – escola é lugar de ...	MS/ME	2012	Estudantes	34
5. Passo a passo – PSE. Tecendo caminho da intersetorialidade	MS/ME	2011	Profissionais	48
6. Programa saúde na escola – adesão para semana da saúde escolar	MS/ME	2013	Profissionais	28
7. Conversando sobre saúde com crianças	MS/ME	2008	Estudantes	81
8. Coquetel – quem quer uma vida mais saudável joga a mão para cima	MS/ME	?	Estudantes	12
9. Vida nota 10	MS	1998	Estudantes	24
10. Manual de saúde escolar	SOPERJ	2009	Profissionais	178
11. Caderno de escolas promotoras de saúde	SBP	?	Profissionais	57
12. Caderno de atenção básica nº. 24 – saúde na escola	MS	2009	Profissionais	100

Tabela 1: Documentos pesquisados com e sem a citação dos descritores

No total de 592 páginas voltadas para o incentivo da saúde no ambiente escolar, somente 37 delas fazem algum tipo de referência aos termos comumente utilizados quando falamos das eliminações e seus distúrbios (6,25 %).

Mesmo nos documentos em que os descritores foram encontrados, seu contexto é, principalmente, voltado para medidas de higiene e alimentação saudável. Muito pouco é dito sobre prevenção da constipação, instrução quanto a postura correta ao sentar no vaso sanitário, importância de não postergar micção e evacuação e esclarecimento aos educadores a cerca de identificação do aluno com padrão de eliminação anormal e como ele pode ser ajudado na escola. Nos seis documentos que apresentam algum termo descritor em seu corpo, ele é visto nos tópicos de doenças infecto contagiosas, medidas de higiene ou alimentação saudável. O Manual de Saúde Escolar da SOPERJ é o que apresenta maior número de

citações (47) e o que mais se aproxima do assunto ao falar, na página 60, sobre a importância de vasos sanitários adequados para o tamanho dos alunos e, na página 121, ao associar constipação e dieta pobre em fibras, mas sem nenhum tipo de orientação específica de prevenção ou tratamento deste problema. Nenhum material discute, especificamente, sobre hábitos saudáveis de micção e evacuação.

A necessidade desta análise torna-se evidente quando vemos, em todo o mundo, o crescente número de estudos mostrando o impacto destes transtornos na autoestima, no rendimento escolar, além de tornar a criança mais vulnerável ao bullying. Tendo-se em conta o tempo que a criança permanece no colégio, os professores podem ter papel fundamental no estímulo aos bons hábitos e no apoio aos que apresentem algum tipo de dificuldade.

Conforme estudo realizado com cerca de 8000 crianças de 7 anos, na Inglaterra, o score para autoimagem é bem menor em crianças que apresentam incontinência urinária, em relação aos controles (JOINSON et al., 2007). Esta mesma pesquisa mostrou que os menores que tem incontinência apresentam transtornos de atenção e comportamento opositor significativamente maiores, em relação aos que não tem qualquer patologia do aparelho urinário, 23,1% x 11,9% e 11,8% x 4,7% , respectivamente.

Na Bélgica, crianças entre 8 e 12 anos com transtorno miccional foram avaliadas quanto à própria percepção de suas competências nas seguintes áreas: escolar, social, física, atlética, comportamental e global. O maior impacto foi na percepção de sua competência física e na global, sendo o aproveitamento escolar ligeiramente pior em relação aos controles, mas não estatisticamente significativo. Quando eles são analisados em subgrupos percebe-se que meninas e a idade entre 10 e 12 anos são os segmentos mais vulneráveis a comprometimento do rendimento escolar, tendo, neste caso significância estatística (THEUNIS et al., 2002). As crianças que, além dos sintomas noturnos, molhavam as roupas durante o dia apresentaram significativa diferença na sua percepção do rendimento escolar e este achado talvez possa ser interpretado como resultado da maior exposição de seus problemas entre seus colegas de classe e professores, tornando-os mais vulneráveis a situações de constrangimento.

A literatura mostra que os profissionais mais experientes, com turmas maiores e com maior tempo de magistério, são mais atentos aos distúrbios de eliminação. Não é raro que estes reconheçam como anormal o aumento de idas ao banheiro ou episódios de escape de urina ou fezes nas roupas. São eles que mais frequentemente alertam os pais quanto a dificuldade do aluno (COOPER et al., 2003 e BOYT, 2005 ). Estes dados sugerem que a experiência torna-os mais atentos a esta questão e que uma melhor orientação sobre o assunto, poderia torna-los parceiros da criança, seus pais e profissionais de saúde, na prevenção e na identificação dos distúrbios de eliminação, além de trazer sua contribuição para o tratamento. É importante que o tratamento seja instituído precocemente, para que sejam evitados danos psicológicos maiores, já que o score de autoestima das crianças, que foram tratadas com sucesso, praticamente se iguala as do controle (HAGGLOF et al., 1998).

O esforço para estimular uma postura mais saudável em relação ao processo de eliminação deve vir acompanhado de banheiros adequadamente limpos, seguros e que permitam privacidade ao estudante. Em estudo realizado na Suécia, entre 385 crianças (6 a 16 anos) questionadas sobre o uso de banheiros de sua escola, 15% responderam que sempre evitavam seu uso e 52% eventualmente evitavam. A causa, para 79% dos alunos era a má condição de higiene (LUNDBLAD; HELLSTRM, 2005). Achados semelhantes foram vistos no Reino Unido, onde a maior parte das crianças evita urinar e, principalmente, defecar no banheiro da escola (BARNES; MADDOCKS, 2002). Sabemos que o adiamento da evacuação é uma causa comum de constipação e que a constipação está intimamente relacionada aos distúrbios da micção e, por isto, é desejável que os banheiros na escola convidem ao seu uso.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É preciso que seja feita uma reflexão mais profunda sobre o assunto e, a partir destes dados, a elaboração de materiais voltados para o incentivo aos bons hábitos vesicais e intestinais, além de orientações para que o professor possa, em seu cotidiano, identificar mais precocemente as crianças com transtornos de eliminação. Esta iniciativa ajudará na prevenção do bullying e do déficit de aprendizado, causado por diminuição da autoestima e dificuldade de concentração durante as aulas.

Hábitos saudáveis de eliminações são fundamentais para a prevenção de diversas patologias ligadas ao aparelho urinário, sendo, também, um dos pilares de seu tratamento.

Este assunto é pouco abordado durante as aulas de Ciências que falam sobre o corpo humano e o autocuidado.

Embora o presente artigo tenha analisado, especificamente, os materiais impressos para promoção da saúde na escola, seus achados podem ser estendidos à prática diária em sala de aula, onde o assunto também é pouco abordado ou feito de forma superficial.

Com base no que foi analisado, podemos propor diversas modificações a serem implantadas no ambiente escolar e na discussão, feita com os alunos, sobre o corpo humano e suas funções. Este momento pode ser utilizado para ensinar o processo normal de micção e evacuação e quais os cuidados que as crianças necessitam observar para garantir seu bom funcionamento.

Além da abordagem teórica, podem ser adotadas mudanças na rotina da escola, visando facilitar a aplicação dos cuidados ensinados. Entre elas, podemos citar merenda rica em fibras, banheiros limpos e em boas condições de conservação, postura mais flexível, por parte dos docentes, quanto a ida ao banheiro durante a aula.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARNES, P. M.; MADDOCKS, A. Standards in school toilets: a questionnaire survey. **Journal of Public Health Medicine**, v. 24, n. 2 p 85-87, 2002.

BOISCLAIR-FAHEY, A. Can Individualized Health Care Plans Help Increase Continence in Children With Dysfunctional Elimination Syndrome. **The Journal of School Nursing**, v. 25, n. 5 p 333-341, 2009.

BOWER, W. F.; YIP, S. K.; YEUNG, C. K. Dysfunctional elimination symptoms in childhood and adulthood. **Journal of Urology**, n. 174, p. 1623-1628, 2005.

BOYT, M. Teachers' Knowledge of Normal and Abnormal Elimination Patterns in Elementary School Children. **The Journal of School Nursing**, v. 21, n. 6, p 346-349, 2005.

CONTINENCE FOUNDATION OF AUSTRALIA. **Promoting bladder and bowel health in 2012**. Disponível em: <[www.continence.org.au](http://www.continence.org.au)> Acesso: 10. Mar. 2013.

COOPER, C. S. Current management of dysfunctional voiding. **Dialogues in Pediatric Urology**, n. 25, p 1-8, 2002.

COOPER, C. S. Do public schools teach voiding dysfunction: results of an elementary school teacher survey. **Journal of Urology**, n. 170, p. 956-958, 2003.

FIGUEIREDO, T. A. M.; MACHADO, V. L. T.; ABREU, M. M. S. A saúde na escola: um breve resgate histórico. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 15, n. 2, p 397-402, 2010.

FRANCO, I. Functional Bladder Problems in Children: pathophysiology, giagnosis and treatment. **Pediatric Clinics of North America**, n. 59, p. 783-817, 2012.

HAGGLOF, B. Self-Esteem in Children with Nocturnal Enuresis and Urinary Incontinence: improvement of Self-Esteem after Treatment. **European Urology**, n. 33, p. 16-19, 1998.

INTERNATIONAL CHILDREN´S CONTINENCE SOCIETY. **Advice for children with bladder problems (2013)**. Disponível em <[www.i-c-c-s.org](http://www.i-c-c-s.org)> Acesso: 06. Mar. 2013.

JOINSON, C. et al. Psychological Problems in children with bedwetting and combined (day and night) Wetting: a UK population-based study. **Journal of Pediatric Psychology**, v. 32, n. 5, p. 605-616, 2007.

KISTNER, M. Disfunctional Elimination Behaviors and Associated Complications in School-Age Children. **The Journal of School Nursing**, v. 25, n. 2, p. 108-116, 2009.

LORDELO, P. Lower urinary tract dysfunction in children. What do pre-school teachers know about it? **International Brazilian Journal of Urology**, n. 33, p. 383-388, 2007.

LUNDBLAD, B.; HELLSTRM, A. L. Perceptions of School Toilets as a Cause for Irregular Toilet Habits Among Schoolchildren Aged 6 to 16 years. **Journal of School Health**, v. 75, n. 4, p. 125-128, 2005.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Decreto presidencial nº 6.286, de 5 de Dezembro de 2007**, Programa Saúde na Escola (PSE).

NEVÉUS, T.; SILLÉN, U. Lower urinary tract function in childhood; normal development and common functional disturbances. **Acta Physiology**, n. 207, p. 85-92, 2013.

THEUNIS, M. et al. Sef-Image and Performance in Children with Nocturnal Enuresis. **European Urology**, n. 41, p. 660-667, 2002.